

ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DOS CONCEITOS DE CAMPO E DE HABITUS NA OBRA DE PIERRE BOURDIEU

Reflections about concepts of field and habitus of Pierre Bourdieu's works.

ARAÚJO F.M.de B*, ALVES, E.M. & CRUZ, M.P**.**

*Professora Adjunta do Centro Federal de Educação Tecnológica de Química -
Rua Lúcio Tavares, 1045, CEP. 26530-060, Nilópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

**Alunas de mestrado do Centro Federal de Educação Tecnológica de Química -
Rua Lúcio Tavares, 1045, CEP. 26530-060, Nilópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tecer reflexões acerca de alguns conceitos centrais presentes na obra de Pierre Bourdieu: o conceito de campo e o de *habitus*. Estes conceitos, de acordo com o autor, permitem uma melhor compreensão do mundo social, dos diversos espaços que o compõem, suas hierarquias e lutas internas, colocando em relevo os aspectos conflituosos dos diferentes campos da vida social e suas relações de poder.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; campo; habitus.

ABSTRACT

The goal of this paper was made reflections about some concepts of Bourdieu's work that help us to understand a social reality: the concept of field and habitus. These concepts allow a best understanding of the social world and yours different space that make his, yours hierarchy and internal fighting, put the conflict aspects in attempting for different fields of social live and his relationships with power.

Keywords: Pierre Bourdieu; field; habitus.

INTRODUÇÃO

Um dos temas centrais das ciências humanas, a relação entre indivíduo e sociedade, tem sido objeto de reflexões e controvérsias. Vertentes sociológicas tradicionais procuraram discutir essa questão, formulando, entretanto, respostas diversas. Ilustrando a idéia, lembramos a ênfase conferida por autores como Émile Durkheim ao papel da sociedade e sua ação sobre o indivíduo.

Já Max Weber toma como ponto de partida o sujeito, observando que o objetivo da sociologia é compreender o sentido e a significação da ação. O autor chama atenção para a dificuldade de construção de um modelo explicativo, capaz de captar, de forma exaustiva, o real.

A partir de um diálogo com os clássicos, Pierre Bourdieu oferece uma alternativa teórico-metodológica importante para a compreensão da relação sujeito-sociedade. Num esforço de mediação entre as correntes tradicionais da sociologia, o autor elabora uma importante contribuição. Revendo as bases da sociologia, Bourdieu reconhece o papel das estruturas na explicação sociológica, ao mesmo tempo que recupera o lugar dos agentes. Assim, embora não reconheça este projeto, o trabalho do autor busca superar algumas oposições, como a existente entre a abordagem estruturalista e a fenomenologia. De acordo com Bourdieu, (1990, p.50) estas "falsas oposições" estão relacionadas, em parte, "(...) ao esforço para constituir como teorias posturas ligadas à posse de diferentes espécies de capital cultural".

Um dos aspectos mais interessantes da obra de Bourdieu é a fecunda crítica que este autor faz aos meios científicos e à instituição universitária. Ao procurar debater os interesses e valores que envolvem a produção científica, Bourdieu desvela as relações de poder e de dominação existentes também no campo da ciência, descaracterizando a possibilidade de uma ciência neutra, interessada apenas no seu progresso. Há dentro dela uma disputa constante pela conquista da legitimidade de se falar e agir. "Universo da mais pura ciência é um campo como qualquer outro, com suas relações de força e monopólios, suas lutas, estratégias, interesses e lucros." (Bourdieu, 1983, p. 123)

Para o autor é impossível separar os valores e as representações que temos dos ideais científicos. A prática científica está orientada para a aquisição de um determinado tipo de capital em torno do qual se desenvolvem as disputas e se consolidam as hierarquias entre os cientistas e as diferentes instituições: prestígio e reconhecimento. E estes agentes do campo científico lutam pelo reconhecimento de seus produtos e de sua autoridade de produtor legítimo, o que significa o poder de impor uma definição de ciência. Nesta perspectiva, não há escolhas desinteressadas de temas ou mesmo de métodos. Todas as opções que são feitas significam, antes de tudo, estratégias, investimentos orientados para a obtenção e acúmulo de **capital** e de lucro simbólicos.

O campo pode ser considerado tanto um 'campo de forças', pois constriange os agentes nele inseridos, quanto um 'campo de lutas', no qual os agentes atuam conforme suas posições, mantendo ou modificando sua estrutura (BOURDIEU, 1996). O campo científico é, desta maneira, um espaço em que pesquisadores disputam o monopólio da competência científica, cujo funcionamento pode ser comparado a um jogo, onde os princípios do funcionamento são dominados por seus participantes.

A obra de Bourdieu é polêmica e parece debater questões nem sempre cômodas. No que se relaciona especificamente à sociologia, este autor reafirma o papel crítico desta ciência que, para alguns estudiosos, não possuiria nem mesmo o estatuto de ciência. Segundo Bourdieu (1998, p. 20), "se a sociologia é uma ciência crítica, é talvez porque ela mesma está numa posição crítica".

A sociologia, de acordo com o nosso autor, preocupa-se em revelar fatos e relações nem sempre explícitas, fazendo emergir questões onde se aparenta naturalidade. Seu objeto envolve lutas, relações de poder, aspectos pouco revelados da realidade social que muitos não desejam serem elucidados. Esta ciência é, pela natureza dos problemas que trata, conflitual. A sociologia parece desencantar o mundo social e talvez nesta sua força residam seus maiores empecilhos. Desvendando privilégios, opressões e hierarquias, o resultado de suas pesquisas produz mal-estar, mas também esperanças. Para Bourdieu (1990, p.28) "[...] a sociologia liberta libertando da ilusão de liberdade".

Todavia, como esta jovem ciência que, de acordo com Bourdieu (1988, p.19) talvez se aproxime mais da filosofia do que das outras ciências de produzir um discurso verdadeiro sobre a realidade na qual estamos imersos? Como pode conhecer esta realidade de forma objetiva quando o próprio pesquisador está envolvido no campo de lutas que muitas vezes é seu próprio objeto? Um objeto que envolve paixões, interesses e até engajamentos. Bourdieu aponta para o interesse do pesquisador em produzir discurso verdadeiro, em desvendar o que está censurado, escondido no mundo social. Segundo nosso autor, se o sociólogo produz pouca verdade, é porque tem interesse em produzir esta verdade.

Procurando discutir algumas questões centrais das ciências sociais relacionadas ao conhecimento da realidade social e as influências que esta exerce sobre o pesquisador, motivo de polêmicas entre diferentes correntes, Bourdieu destaca que:

"A teoria do conhecimento e a teoria política são inseparáveis: toda teoria contém, de forma implícita ao menos, uma teoria da percepção do mundo social e estas teorias da percepção do mundo social se organizam segundo as oposições muito análogas aquelas existentes no mundo natural". (Bourdieu, 1988, p.86)

Em outras palavras, toda forma de conhecimento está relacionada a uma dada percepção e posicionamento diante da realidade social. As diferentes teorias que procuram explicar o mundo social refletem formas de percepção desta

realidade, formas que em alguns casos se opõem como, por exemplo, cita Bourdieu, teorias objetivistas e teorias subjetivistas. Para os objetivistas, como os estruturalistas, a realidade social é um dado objetivo, que ao contrário do que postulam os subjetivistas, se impõe e influencia as nossas consciências e representações individuais. É a realidade um dado concreto, estruturado, anterior ao pensamento, como afirmava Marx, ou apenas uma construção do pensamento, resultado das representações que dela fazemos?

Numa interessante abordagem e respondendo aos que buscam definir suas posições como weberianas ou mesmo marxistas, Bourdieu critica oposições clássicas que colocam em terrenos antagônicos de determinadas correntes teóricas e mesmo autores importantes das ciências sociais. De acordo com nosso autor, é necessário superar falsas dicotomias que opõem, por exemplo, o estruturalismo e a fenomenologia, ou autores clássicos das ciências sociais, como Marx e Weber. "A oposição entre Marx, Weber e Durkheim, tal como ela é ritualmente invocada [...] mascara o fato de que a unidade da sociologia talvez esteja nesse espaço de posições possíveis" (Bourdieu, 1990, p.51)

Nesta perspectiva, opor Marx e Weber, ou mesmo Marx e Durkheim significa, antes de mais nada, um apego a ortodoxias do que uma posição propriamente científica. É preciso libertar a imaginação, desapegar-se de pretensas verdades e estabelecer o diálogo entre autores que podem até parecer opostos. De acordo com Bourdieu, não se trata, porém, de operar falsas sínteses, ou mesmo um ecletismo, e sim de comunicar teorias que parecem opostas.

Segundo o sociólogo francês, estas oposições freqüentes nas ciências sociais, têm fundamento social, mas não científico. São oposições fictícias que podem produzir resultados temerosos. A sua existência está mais relacionada à posse de diferentes capitais, a lutas do campo científico onde cada corrente teórica tenta impor a sua verdade como a mais legítima. "[...] penso que uma boa parte dos trabalhos ditos de teorias ou de metodologia são apenas ideologias justificadoras de uma forma particular de competência científica". (Bourdieu, 1990, p.50)

Para Bourdieu, devemos pensar sempre as diferentes contribuições que um determinado autor oferece, seus métodos e suas idéias, enquanto pontos de referência, pois, diante da dimensão infinita da realidade social, é impossível que um autor consiga estabelecer considerações exaustivas e definitivas. Nestas considerações nosso autor aproxima-se de Max Weber. Os conceitos para Bourdieu devem permanecer abertos. Diante da inesgotabilidade do real, as contribuições científicas são parciais e os conceitos, provisórios, o que não quer dizer que sejam confusos. A ciência se faz na constante tentativa de superação de "verdades" pretensamente acabadas e totalizantes, e com a proliferação das heresias. A existência social não consegue ser explicada plenamente por modelos. O real parece resistir, por ser infinito e inesgotável, às tentativas de conhecimento. Como destaca Bourdieu, esse "(...) sentimento muito agudo que Weber chama de *Vielseitigkeit*, a pluralidade de aspectos que constitui a realidade social, sua resistência à empresa de conhecimento científico". (1990, p. 34).

Assim, na tentativa de superar e romper com determinadas correntes teóricas que dominam o campo das ciências sociais, o autor trava, em especial, um debate com os estruturalistas. Evitando as pretensões totalizantes, Bourdieu reconhece a existência e o papel das estruturas sociais e procura resgatar, também, o lugar do agente social e das estruturas mentais que os estruturalistas haviam negligenciado. De acordo com o autor, as estruturas sociais por si só não determinam a vida em sociedade como pretendiam os estruturalistas. A dimensão individual, o agente social - e daí decorre a importância do conceito de "habitus" reintroduzido por Bourdieu - não é uma simples consequência das determinações da estrutura social. Internalizamos regras e normas sociais, mas existem aspectos de nossas condutas que não são previsíveis. É como um jogo que sabemos as regras e o seu sentido, mas que também podemos improvisar. A noção de "habitus" exprime, sobretudo, (...) a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo." (Bourdieu, 1989, p.60)

Ao lado do conceito aristotélico de "habitus", que, reformulado por Bourdieu, permite recolocar o papel do agente no mundo social minimizado pelos estruturalistas, o autor constrói o conceito de campo: que procura dar conta dos aspectos permanentes das estruturas sociais. Estes dois conceitos, que estão profundamente relacionados, são objetos de nosso trabalho.

O CONCEITO DE CAMPO

O conceito de campo é um dos conceitos centrais na obra de Pierre Bourdieu e é definido como um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. Dotados de mecanismos próprios, os campos possuem propriedades que lhes são particulares, existindo os mais variados tipos, como o campo da moda, o da religião, o da política, o da literatura, o das artes e o da ciência. Todos eles se tornam microcosmos autônomos no interior do mundo social (THIRY-CHERQUES, 2006). A estrutura do campo é como um constante jogo, no qual, cientes das regras estabelecidas, os agentes participam, disputando posições e lucros específicos.

A elaboração da teoria geral dos campos por Bourdieu está relacionada, de certa forma, à influência de Weber que aplicou em outros domínios conceitos retirados da esfera econômica. Ao observar o trabalho deste pensador, Bourdieu afirma ter se encontrado diante de propriedades gerais, válidas para vários campos. Ressalta, entretanto, nosso autor (1989, p.68) que em "(...) vez de ser a transferência que está na origem do objeto [...] é a construção do objeto que a fundamenta".

A teoria dos campos é, assim, construída, de acordo com Bourdieu (1988), a partir de generalizações que vão sendo pouco a pouco efetuadas. Sempre que empreendemos o estudo de um campo particular descobrimos características que lhe são específicas, mas que podem, ao mesmo tempo, ser valiosas na

análise do funcionamento de outros campos. Bourdieu coloca, entretanto, que a esfera econômica não é um modelo fundador da teoria dos campos, mas sim apenas um exemplo de um campo. Tendo em vista a existência de leis invariantes em certos campos, como o da política e o da religião, o autor vê a possibilidade de um projeto de uma teoria geral dos campos.

Os campos são resultados de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo e o que dá suporte são as relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, isto é, o monopólio da autoridade, que concede o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo (BOURDIEU, 1984:114).

Segundo Kropf & Ferreira (1998), na concepção de Bourdieu, a idéia de um capital social permite justamente compreender como os cientistas se posicionam desigualmente no campo científico. A partir destas posições, eles assumem diferentes movimentações nesse campo, investindo seu capital científico de forma a ocupar novas posições. Nesse sentido, as posições iniciais dos cientistas nesse jogo de forças que constitui o campo da ciência são muito relevantes, pois suas pesquisas dependem do capital acumulado em outros campos, dentre os quais o escolar assume importância destacada. Para Freire (1995) o campo de atividade da ciência, então, evidencia-se pela luta em torno da autoridade científica, das instâncias legitimadoras do poder e distribuidoras do seu capital social. Assim, os resultados das atividades dos atores no campo científico dependem das condições iniciais de cada um.

Todas as lutas internas ao campo envolvem a distribuição e posse de um capital específico. A luta ocorre entre aqueles que pretendem assumir posições e aqueles que desejam mantê-las. Em geral, novatos disputam, dentro das regras estabelecidas, o lugar daqueles que ocupam posições dominantes. Para que um novato seja admitido em um determinado campo, é preciso que ele tenha efetuado os investimentos necessários. Exemplificando: para que alguém possa participar da comunidade científica se faz necessário, a realização de cursos, a ocorrência de publicações, em outros termos, o acúmulo prévio de um certo capital que lhe permita ser reconhecido pelos seus pares como um integrante daquela comunidade. É como um jogo que pressupõe que se reconheçam as suas regras como legítimas e que, fundamentalmente, existam pessoas dispostas a jogar.

Os campos, enquanto espaços estruturados e hierarquizados, são arenas onde são travadas lutas pela conquista de posições e de capital. Sua estrutura envolve lutas e tensões. O capital específico ao campo é desigualmente distribuído e acumulado, o que motiva os agentes que buscam a sua posse na elaboração de estratégias de luta. Os agentes que monopolizam a autoridade específica ao campo tendem a organizar estratégias de conservação, em oposição aos novatos, que detentores de menos capital procuram subverter a dominação, articulando estratégias de subversão. Os momentos de crise são momentos em que através do questionamento das posições dos antigos dominantes, os novatos procuram alterar as posições de poder. Convém ressaltar que, subjacente a qualquer antagonismo, ou luta, existe o

reconhecimento em torno do mérito da disputa. Dominantes e dominados estão de acordo sobre a importância, sobre o valor do jogo, contribuindo, por outro lado, para a sua reprodução. Na luta pelo monopólio da autoridade, ocorrem subversões, revoluções parciais, por regras básicas que não são questionadas. Devido ao esforço e ao investimento que os novatos fazem para serem admitidos, torna-se difícil a ocorrência de uma revolução total que venha colocar em perigo a própria existência do campo. Os bens-alvo dos antagonismos são, na maioria das vezes, bens simbólicos, como, por exemplo: prestígio ou reconhecimento.

O capital acumulado em determinados campos nem sempre é transferível para outros campos e a sua validade se limita, freqüentemente, ao próprio campo. Podemos pensar em caso como o de pessoas que, em certas circunstâncias, conseguiram transferir o seu capital acumulado na vida científica para o campo da política, mas nem sempre é possível.

O campo, apesar de ser um espaço estruturado, é um espaço de luta, de subversões, no qual dominantes e dominados, de acordo com forças diferentes e segundo as regras constitutivas desse espaço, disputam a posse de lucros específicos. Um campo só se torna um aparelho, afirma Bourdieu referindo-se ao conceito elaborado por Althusser, quando cessam as lutas. Em determinadas circunstâncias os campos se transformam em aparelhos, quando a resistência dos dominados é anulada e a luta constitutiva desse espaço não mais existe. A essência do campo e da história é a luta dialética, a transformação, os embates.

O CONCEITO DE "HABITUS"

A relação indivíduo-sociedade é um dos temas mais polêmicos das ciências sociais. Diferentes autores abordam essa questão, enfatizando ora a importância do sujeito, ora a importância da sociedade. Para alguns estudiosos, o indivíduo, sua consciência e as representações que faz do mundo são apenas conseqüências do fenômeno da estrutura social. Os estruturalistas, entre os quais Althusser, "[...] tendiam a abolir (os agentes) transformando-os em simples epifenômenos da estrutura." (Bourdieu, 1990, p.21)

Em oposição a esta visão da realidade centrada no papel das estruturas sociais, temos, por exemplo, os fenomenologistas, que deslocam o centro da questão para o sujeito. Em sua perspectiva, o sujeito e suas interações desempenham importante papel na construção das estruturas mentais e na construção do mundo social.

Bourdieu sentia-se incomodado com o peso e a importância atribuída às estruturas sociais e com a pequena importância conferida às estruturas simbólicas. Para esse sociólogo francês, as estruturas mentais não seriam apenas conseqüência das estruturas sociais. Debatendo com os estruturalistas e procurando resgatar, por outro lado, as contribuições mais relevantes dessa

corrente, ele destaca o poder e a influência da esfera simbólica na constituição das estruturas sociais. Ressalta Bourdieu (1990, p.31) "cada vez mais me pergunto se as estruturas sociais de hoje não são as estruturas simbólicas de ontem [...]".

Procurando romper com visões dicotômicas da realidade social, Bourdieu retoma o conceito de "habitus". Este conceito, velha idéia da escolástica, que já havia sido empregado por autores, como Marcel Mauss, Emile Durkheim e Max Weber, ocupa lugar central na obra de Bourdieu, que apresenta uma grande contribuição no sentido de busca, de certa forma, de uma síntese entre posições que parecem excludentes entre o objetivismo estruturalista e o subjetivismo."[...] o recurso à noção de "habitus", um velho conceito aristotélico-tomista que repensei completamente, como uma maneira de escapar dessa alternativa do estruturalismo sem sujeito e da filosofia do sujeito." (Bourdieu, 1990, p.22)

O conceito de "habitus" recupera a dimensão individual e simbólica dos fenômenos sociais, a dimensão do agente que interage com a realidade social, não sendo apenas o resultado de suas determinações, nem, por outro lado, determinando-a. As nossas estruturas mentais sofrem condicionamento social. Existe uma dimensão do social que está inscrita em nós. Compartilhamos com os outros agentes, categorias, percepções que orientam nossas condutas e que as tornam significativas. É o "habitus", este princípio gerador de nossas práticas, de nossas ações no mundo, fundamento da regularidade de nossas condutas.

Todas as nossas condutas são orientadas em relação a determinados fins sem que este processo seja consciente ou signifique uma obediência cega a regras. É como se tivéssemos, de forma internalizada, o sentido do jogo, o que nos faz entender, conhecer as regras e poder jogar, mas não de forma preestabelecida. O agente - e Bourdieu se refere ao agente e não ao sujeito- joga conhecendo o jogo, mas, também, improvisando, criando. O conceito de "habitus", elaborado por Pierre Bourdieu, ressalta o lado ativo do agente que, apesar de internalizar as representações da estrutura social, age sobre elas, não sendo apenas o seu reflexo ou resultado mecânico dos condicionamentos sociais."Construir a noção de habitus como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, [...] como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos". (Bourdieu, 1990, p.26)

Bourdieu procura enfatizar as estratégias do agente. O "habitus", estas disposições adquiridas, este senso prático que orienta nossas condutas e faz com que tenhamos certas formas de ação, está relacionado ao fluido, ao vago e não tem origem numa regra explícita. São regularidades, e não regras, que construímos, jogando no nosso mundo cotidiano. O "habitus" serve de base para a previsão de nossas condutas porque, de acordo com ele, podemos agir de determinadas formas em determinadas circunstâncias. Esta tendência que temos para agir de certa forma não significa, contudo, que sempre façamos o que se espera ou a mesma coisa. Os agentes improvisam, elaboram novas

estratégia, o que confere às estruturas simbólicas um papel maior e mais relevante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao procurar realizar, sem que esse seja o objetivo explícito de sua obra, uma reinterpretação de autores que parecem tão conflitantes, Bourdieu parece abrir um interessante espaço teórico para as ciências sociais. E reafirmando o que Max Weber já postulava, acerca da inesgotabilidade do real, Pierre Bourdieu destaca as dificuldades que temos de poder elucidar a realidade social de maneira mais exaustiva.

Excluído:

Excluído:

A sociologia, esta ciência tão recente, que teve como fundador Emile Durkheim e que procurou, muitas vezes, o seu modelo nas outras ciências, encontra para Bourdieu sua riqueza e crescimento no conflito e na crise. Como estudar o familiar, o que nos envolve e nos apaixona? Não é partindo de uma posição pretensamente neutra que, na realidade, em muitas ocasiões, encobriu posições notadamente ideológicas, teremos resultados satisfatórios. É, isto sim, reconhecendo que temos uma determinada posição dentro de um determinado campo intelectual e que nem sempre os resultados das nossas pesquisas são fáceis e cômodos, Uma vez que são ocasionados pela busca excessiva de produtividade, Pois se encontra diretamente relacionada à competição causada pela busca de novos investimentos na pesquisa de cada agente do campo científico. Essa competição, eventualmente, torna a Academia uma arena de exposição daqueles que produzem mais, porém não há como negar que, com isso, a pesquisa, principalmente a brasileira, tem avançado e conseguido reconhecimento internacional, o que também possibilita investimento de fora e geração de mais conhecimento científico.

A sociologia, e neste ponto estamos de acordo com Bourdieu, desarruma, constrange, incomoda, torna claro o que muitos não querem ver. Sem dúvida, este é o seu grande papel nesta realidade atual tão complexa e tão desigual.

Referências

BOURDIEU, P. *Leçon sur la leçon*. Paris: Les éditions de minuit, 1982. 56 p.

BOURDIEU, P. O Campo Científico. In: Ortiz, Renato (org.). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, n 39, Editora Ática, São Paulo, 1983.

BOURDIEU, P. *Questions de sociologie*. Paris: Les éditions de minuit, 1988. 277 p.

BOURDIEU, P. *Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. 311 p.

BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. 234 p.

BOURDIEU, P. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996. 231 p.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977. 128 p.

FREIRE, I.M. Informação; consciência possível; campo. Um exercício com construtos teóricos. *Ciência da Informação* – vol. 24 (1). 1995. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000152/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-590.pdf>. Acesso em: jun. 2008.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense, 1975. 210 p.

KROPF, S.P. & FERREIRA, L.O. *A prática da ciência: uma etnografia no laboratório*. *História, Ciências, Saúde*. vol. IV (3). p. 589-97. 1998.

PINTO, Louis. *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 185 p.

THIRY-CHERQUES, H.R. *Pierre Bourdieu: a teoria na prática*. *RAP: Rio de Janeiro* 40(1): 27-55. 2006.